

Do pergaminho ao texto eletrônico: evolução das tecnologias de leitura e escrita

Fernanda Gabriel Mendes (UERJ - PROPEd)

Eixo Temático - Tecnologia: pra que te quero?

Resumo

No campo da educação análises sobre o uso da tecnologia têm sido constantes. Um elemento importante nesta relação entre tecnologia e educação é a necessidade de pensar o uso da tecnologia (artefato técnico) acompanhado da reflexão sobre a tecnologia do ponto de vista do conhecimento, dos contextos de produção e utilização embutidos no artefato. Para que possamos compreender os efeitos da utilização da escrita é necessário pensá-la numa perspectiva histórica. O discurso oral desempenhou importante papel no processo de formação da sociedade humana, que somente mais tarde tornou-se letrada, ocorrendo de maneiras distintas e em diferentes épocas para os distintos grupos humanos.

Tecnologias de leitura e escrita

As sociedades humanas, no passado, foram afetadas pelo surgimento da escrita, assim como nossa sociedade tem sido afetada pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC). A tecnologia da escrita foi desenvolvida proporcionando alterações significativas nas sociedades orais. Os discursos orais eram caracterizados por serem memorizados e recitados, características determinadas pelo gênero, pela função de preservação da memória, pela forma de recepção e pelos destinatários.

Bolter (apud SOARES, 2002, p.149) define espaço de escrita como “o campo físico e visual definido por uma determinada tecnologia de escrita”, onde a cada tecnologia corresponde um espaço de escrita diferente. No início da história da escrita foi a superfície de uma tábua de argila ou madeira, ou a superfície polida de uma pedra. Mais tarde, foi a superfície de um rolo de papiro ou pergaminho. Posteriormente, com a descoberta do códice, o espaço de escrita foi a superfície delimitada de uma página, evoluindo do papiro até a superfície branca da folha de papel.

O espaço de escrita relaciona-se também com os gêneros e usos da escrita. Na argila e na pedra não havia a possibilidade de se escrever longos textos; já com a página tornou-se possível escrever longos textos em variados gêneros, favorecendo o manuseio, a releitura e a retomada de textos. Com a invenção da imprensa por Gutenberg há uma ampliação do “público consumidor” e com a evolução das técnicas de imprimir há um incremento das

produções científicas e literárias em virtude da rapidez de impressão e circulação das informações.

Mesmo com a invenção da técnica da impressão por Gutenberg, a escrita era fortemente marcada pela oralidade, através da leitura em voz alta ou pelos processos de memorização. Porém, foi possível estabelecer uma relação com o texto diferente da que havia sido estabelecida com o manuscrito.

Os textos impressos e manuscritos são baseados nas mesmas estruturas, como o formato do livro e a sucessão dos cadernos, além de caracteres que permitem sua identificação como paginação, índices e sumários. No entanto, os livros impressos apresentavam um formato menor que permitia que o mesmo fosse levado para diferentes lugares, propiciando uma leitura individual e silenciosa.

Atualmente surge um novo espaço de escrita: a tela do computador. A escrita na tela possibilita produção de um texto diferente daquele que é produzido no papel – o hipertexto, caracterizado pela multilinearidade, a multi-seqüencialidade possibilitadas pelos nós e links, sem que haja uma ordem pré-estabelecida.

Segundo Chartier (1999) comparações têm sido feitas entre os avanços promovidos pelas TIC e a inovação trazida por Gutenberg no século XV. O texto eletrônico apresenta-se na tela do computador, fato que faz com que o mesmo não possa ser manuseado diretamente pelo leitor. Alguns traços indicam estar havendo uma revolução nas estruturas do suporte do escrito e nas maneiras de ler: a continuidade que é dada ao fluxo do texto na tela, o fato de que as fronteiras não são tão visíveis quanto no texto impresso (delimitado pela encadernação), além da possibilidade de entrecruzar textos reunidos na memória eletrônica.

Apesar disso, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antigüidade: o texto lido corre diante dos seus olhos. Também é como o leitor do livro impresso que pode utilizar de referências como paginação, índice e recorte do texto. Porém é um leitor/escritor mais livre. No texto eletrônico edição e distribuição tornam-se uma coisa só, fazendo com que a difusão dos textos seja imediata.

Todas essas mudanças de suporte acarretam alterações nas maneiras de ler e escrever. O suporte digital permite novos tipos de leitura e escrita. A leitura não é mais linear, os hipertextos fornecem várias possibilidades de ação, fazendo com que o leitor

selecione e atualize os significados de um texto, já que a interpretação comporta um elemento de criação pessoal (FREITAS, 2006).

Toda história de leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999, p.77)

Sendo assim, vemos o atual momento como privilegiado para pensar se as práticas de leitura e de escrita digitais e o letramento na cibercultura estão conduzindo a um estado diferente daquele conduzido pelas práticas de leitura e escrita tipográficas, na cultura do papel. Letramento é visto aqui como o “estado ou condição de indivíduos ou grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e escrita” (SOARES, 2002, p. 145).

Finalizamos com as palavras de Soares:

Propõe-se o uso do plural letramentos para enfatizar a idéia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos. (SOARES, 2002, p. 156)

Referências

CHARTIER, R. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

FREITAS, M. T. A. Da tecnologia da escrita à tecnologia da Internet. In: FREITAS, M. T. A., COSTA, S. R. (orgs.) *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.11-17.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.